

“A humanidade precisa de se libertar dos conceitos de Deus e Diabo, e admitir que é ela mesma que pratica o bem e o mal”.
George Orwell



O Cartoon de Antônio: *Caracol da esperança*. Expresso, 01/09/2018.

setenta anos de casos
de abusos sexuais na Igreja
e cinquenta anos da *Humanae vitae*

«A liberdade sexual é uma componente fundamental da modernidade, especialmente, depois da Revolução Sexual dos anos sessenta. Desta forma, o sexo é praticado no mundo inteiro por pessoas de diferentes faixas etárias (especialmente a partir do final da adolescência) e de diferentes orientações sexuais. Nem padres e bispos conseguem conviver com a condenação e negação do sexo, e com uma vida sem acesso às fontes de prazer e carinho». José Eustáquio Diniz Alves, Doutor em Demografia.

A Igreja Católica tem um problema sexual por resolver. São inúmeros os casos de padres e bispos envolvidos em escândalos sexuais e atos de pedofilia. A doutrina da Igreja diz-nos que o sexo (não reprodutivo) é pecado para todos os fiéis. Os religiosos e religiosas que fazem voto de castidade, também pecam, quando praticam sexo. Mas, na realidade, abundam os casos de religiosos pecadores. Até as autoridades máximas do Vaticano estão envolvidas num turbilhão de denúncias e de conspiração.

Um relatório divulgado pelo procurador-geral da Pensilvânia, Josh Shapiro, revela que padres deste estado norte-americano abusaram de milhares de crianças, ao longo dos últimos setenta anos. A investigação da Pensilvânia, que relata os abusos sexuais contra mais de mil menores de idade, levados a cabo por mais de trezentos religiosos durante sete décadas, revela que, pelo menos, desde 1963, o Vaticano conhecia alguns destes casos e se mostrou tolerante.

De acordo com o jornal *El País*, a palavra Vaticano surge quarenta e cinco vezes no impressionante relatório do grande júri da Pensilvânia, que nos revela uma máquina de silêncio e encobrimento diante dos “pecados” dos religiosos. A Congregação para a Doutrina da Fé, o órgão encarregado de defender a correta doutrina da Igreja católica, é mencionada catorze vezes, e a Santa Sé, onze. A partir da leitura do documento de 1.356 páginas, pode inferir-se que Roma foi informada diversas vezes, tanto dos abusos sexuais, como do facto de a Igreja norte-americana estar a encobrir padres pedófilos.

Os casos de abuso sexual e pedofilia revelados pela investigação da Pensilvânia, não são ocorrências isoladas. O filme *Spotlight* mostra a investigação dos casos de abuso sexual e pedofilia praticados por membros da arquidiocese católica de Boston, realizada por uma equipa do jornal *The Boston Globe*.

Um documento de setecentas páginas, elaborado por uma comissão presidida pela juíza Yvonne Murphy, relata que a Igreja Católica da Irlanda encobriu abusos sexuais praticados por padres contra crianças da região da capital, Dublin, durante quarenta anos. Há casos de abuso sexual e pedofilia em diversos lugares do mundo e, também, no Brasil, envolvendo padres, bispos e autoridades da Igreja Católica.

No Chile, os escândalos sexuais abalaram os alicerces da Igreja. O bispo Barros que, no Chile, é questionado há anos devido às suas ligações ao caso Karadima, estaria envolvido em crimes cometidos desde os anos oitenta e

noventa do século passado. Em abril de 2018, o papa reconheceu ter cometido “graves equívocos na sua avaliação” do caso do bispo Barros. Numa visita ao Chile, em janeiro, Francisco defendeu a inocência do bispo, mas, depois, pediu desculpas e ordenou uma investigação. Numa carta enviada à Conferência Episcopal Chilena, o pontífice pediu perdão a todos aqueles a quem possa ter ofendido, e disse sentir “dor e vergonha”. Depois de muito desgaste, os trinta e quatro bispos do Chile renunciaram, e depositaram os seus cargos nas mãos do papa Francisco.

Na Irlanda, a dimensão dos abusos é tão grande, que houve quem os descrevesse como “o holocausto da Irlanda” – estimativas independentes apontam para mais de dez mil crianças violentadas, ao longo de setenta anos. As primeiras denúncias surgiram na década de noventa, mas foi preciso esperar pelo rebentar do escândalo nos EUA, e por várias investigações jornalísticas, para que a Irlanda – país que tem o catolicismo inscrito na sua Constituição – finalmente, despertasse para o terror vivido durante décadas por milhares de crianças.

O terror de violações cometidas por padres que a sociedade considerava como guardiões da moral, mas também o pavor da violência a que foram sujeitas as crianças entregues pelo Estado à guarda de instituições católicas. Em 2009, um relatório encomendado pelo Governo concluiu que os menores eram tratados “mais como prisioneiros e escravos” do que como seres humanos; eram-lhes impostos castigos rotineiros, que podiam passar por espancamentos, abusos sexuais e outras formas de humilhação. Um outro inquérito revelou que, durante quatro décadas, a diocese de Dublin ignorou todas as denúncias de pedofilia no seio do clero, protegeu os padres, mudando-os de paróquia, e impôs silêncio às vítimas, segundo o jornal *Público*.

A viagem do papa Francisco a Dublin, a 25 e 26 de agosto de 2018, para o Encontro Mundial das Famílias, já apresentava grandes dificuldades. Mas o dossier elaborado pelo ex-núncio do Vaticano Carlo Maria Viganò, caiu como uma bomba no pontificado do papa Francisco e em toda a Igreja Católica. Embora marcado por imprecisões e alegações duvidosas, como a de que o papa Francisco estava informado dos abusos de seminaristas e crianças por parte do ex-cardeal Theodore McCarrick anos atrás, a denúncia aumentou, mais ainda, a repercussão das denúncias de abusos sexuais na Igreja, e colocou na ordem do dia a questão da impunidade e do envolvimento das altas autoridades do clero.

Evidentemente, muitas denúncias podem, simplesmente, representar divergências internas da Igreja, e repercutirem a luta pelo poder respeitantes aos rumos do dogma católico. Mas, como disse o editorial da *National Catholic Reporter*: “O papado de Francisco, tão promissor em relação a uma reforma necessária, está num ponto de inflexão. Ou ele encara esta crise com ações efetivas, abrangentes e concretas, ou o seu mandato será um dececionante fracasso”.

Como mostrou Menozzi, o catolicismo, ao contrário do que acontecia na sociedade oficialmente cristã dos séculos anteriores, encontra-se perante o problema levantado pelo advento do mundo moderno. Até ao Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja considerou que podia responder a esse problema, contrapondo às aspirações do ser humano moderno, um modelo ideal de sociedade cristã. Assim, proclamou que somente o retorno a um regime de cristandade, isto é, a uma sociedade obediente às diretrizes eclesiásticas, poderia resolver todo e qualquer problema de convivência civil. Mas isto acabou por afastar ainda mais as pessoas da prática católica. Foi por esta razão que a maioria dos Padres convocados para o Concílio Vaticano II, a fim de discutirem as dificuldades posta à Igreja pelo mundo contemporâneo, decidiu mudar de rumo. Para poder comunicar a mensagem evangélica às pessoas modernas, a Igreja devia encetar com elas um diálogo baseado no reconhecimento dos aspetos positivos da modernidade, e apresentar uma agenda social. E de facto, a Igreja abriu um diálogo com o marxismo, através da Teologia da Libertação.

O papa Francisco tem procurado atuar na área das migrações, dos direitos ambientais e dos direitos sociais (Teto, Terra e Trabalho). Sobre as questões climáticas, a encíclica *Laudato si'* apoiou-se em pontos de vista científicos para combater o aquecimento global, e foi um instrumento importante para viabilizar o Acordo de Paris.

Todavia, a Igreja Católica continua a defender ideias medievais e anti modernas, no que diz respeito à sexualidade humana. A doutrina expressa na encíclica *Humanae vitae*, que celebrou cinquenta anos em julho de 2018, está totalmente desfasada da realidade do mundo moderno. A encíclica do papa Paulo VI, publicada em 1968 (ano marcado pela insatisfação da juventude em relação às estruturas arcaicas), considera a prática do sexo como um pecado, só tolerada para fins reprodutivos. Assim, a Igreja prescreve aos jovens não casados a abstinência sexual, a abstinência às mulheres que já chegaram à menopausa, além de condenar qualquer prática homossexual.

Mas, como diz a música dos Titãs, a população mundial não quer apenas “Teto, Terra e Trabalho” e alimentação:

A gente não quer apenas comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer apenas comer

A gente quer prazer p'ra aliviar a dor

A liberdade sexual é uma componente fundamental da modernidade, especialmente depois da Revolução Sexual dos anos sessenta. Desta forma, o sexo é praticado no mundo inteiro por pessoas das diferentes faixas etárias (especialmente a partir do final da adolescência) e de diferentes orientações sexuais. Nem padres e bispos conseguem conviver com a condenação e negação do sexo e com uma vida sem acesso às fontes de prazer e carinho.

É por isso que a Igreja Católica tem de reavaliar as suas conceções sobre sexualidade e reprodução, pois o clero não consegue viver num estado permanente de mortificação. Os padres e bispos estão a perder a legitimidade e autoridade que tinham no passado. As recentes denúncias de abusos sexuais envolveram, inclusive, os nomes dos papas João Paulo II e Bento XVI.

O papa Francisco está numa encruzilhada. As críticas vêm, principalmente, dos setores conservadores da Igreja (numa espécie de guerra civil), mas também já há críticas vindas dos setores de esquerda da sociedade. Na Argentina, há um movimento pela apostasia em massa, pois a aliança que defende o Estado Laico, e que ganhou importância aquando das manifestações a favor da legalização do aborto - rejeitada recentemente pelo Senado -, critica a posição do papa Francisco, e encoraja a população a abandonar a Igreja Católica. Segundo este grupo, há milhares de pessoas que já entregaram os seus formulários de renúncia formal à Igreja. Mulheres cada vez mais autónomas e detentoras de poder, já não aceitam permanecer numa situação de inferioridade, face a uma Igreja patriarcal.

Devido aos ataques dos conservadores e aos limites impostos pela reforma, a popularidade do papa Francisco está em declínio, conforme mostram diversas pesquisas, mesmo antes dos últimos escândalos e divergências. Um gráfico do Instituto PEW, mostra que, mesmo antes das recentes revelações, os católicos dos EUA atribuíam ao Papa índices piores do que em 2015. Uma pesquisa divulgada pelo Instituto *Latinobarómetro*, em 12 de janeiro de 2018, pouco antes da visita do papa ao Chile, mostra que a avaliação do Pontífice, numa escala de 0 a 10, desceu no continente de 7,2 pontos em 2013, para 6,8 pontos em 2017. No Chile, o papa Francisco teve a pior avaliação: 5,3 pontos, apenas.

A questão sexual da Igreja vai muito para além da guerra civil que colocou na ordem do dia a renúncia do papa Jorge Mario Bergoglio, e que requer uma avaliação de toda a doutrina herdada da era medieval. Talvez a Igreja precise de iniciar um diálogo com Sigmund Freud, e de fazer uma terapia, para além de discutir o celibato. O aumento da secularização e o declínio do patriarcalismo enfraquece o poder clerical, e cria uma disjunção entre a hierarquia católica e os fiéis, que se tornam cada vez mais infiéis em relação aos dogmas tradicionais.

Ou a Igreja Católica se adapta ao século XXI e a uma maior liberdade no âmbito comportamento individual, ou ela irá perdendo, progressivamente, a sua influência sobre as multidões.

JOSÉ EUSTÁQUIO DINIZ ALVES, doutor em demografia e professor titular do mestrado e doutoramento em População, Território e Estatísticas Públicas da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, em artigo publicado por *EcoDebate*, 10-09-2018.



cerveja, caridade e oração

«Contemplativos, portanto, totalmente empenhados no “fazer”, do trabalho manual ao apoio das atividades caritativas das comunidades mais próximas do mosteiro»: falando dos Trapistas, o irmão Lode Van Hecke, abade da abadia de Nossa Senhora de Orval surpreende os seus interlocutores, desmentindo um dos lugares comuns mais difundidos e menos próximos da verdade que circulam sobre a vida diária dos monges. Símbolo desta participação concreta na vida e na economia das sociedades no meio das quais vivem é a produção da cerveja, tradição quase tão antiga como as origens dos seus mosteiros (pelo menos os do norte da Europa).

A 18 de setembro, na embaixada belga junto da Santa Sé, realizou-se um encontro dedicado à joia da coroa da tradição do país, ligada à história da ordem cisterciense e do monaquismo beneditino.

«O adjetivo “contemplativo” não induzirá talvez a pensar de imediato naquilo que está “fora do mundo”, não produtivo, livre da exigência do trabalho? Recordo-me de um professor de matemática que (talvez não apreciasse muito os estudantes da secção greco-latina da época), reagindo aos estudantes que surpreendia distraídos na aula e incapazes de responder à pergunta que lhes tinha colocado, dizia: “O senhor é um contemplativo? Ou é talvez um poeta?”», assinalou o abade.

Contemplativo não é sinónimo de inativo; basta pensar-se no ímpeto missionário que moveu todos os grandes místicos. Também o abade de Maredsous convidou os presentes a pensar de maneira não superficial no lugar que ocupou (e continua a ocupar) a bebida nas comunidades cistercienses ao longo dos séculos, confirmando que «mais ou menos todas as abadias masculinas na Bélgica têm uma cerveja com o seu nome».

Não só: também o marketing faz compreender muitas coisas da história do país e das consequências concretas do beneditino “ora et labora”. «No imaginário belga – afirmou o abade de Maredsous, D. Bernard Lorent –, tudo o que faz referência a uma abadia, faz referência a um produto de qualidade. A imagem

da abadia é positiva. Transporta consigo a tradição, o exemplo positivo de um trabalho bem feito».

Além de responder a uma necessidade primária do ser humano, a de beber, produzir cerveja durante séculos significou oferecer um produto mais seguro do que a água. «É preciso não esquecer – acrescentou o Irmão Lode Van Hecke – que a cerveja no nosso país está ligada a um facto: em certas épocas, em que a água estava muitas vezes contaminada, a cerveja garantia uma alimentação mais saudável. Por isso era produzida em todas as vilas, inclusive em algumas famílias. Nas comunidades monásticas a cervejaria fazia parte dos edifícios internos à clausura, como o forno para o pão ou a ferragem para o trabalho do ferro».

Uma das características da Ordem de Cister é o regresso ao trabalho manual, como S. Bento prevê na sua Regra. Não se trata do trabalho no seu sentido mais amplo (“opus”), mas de “labor”. Hoje é difícil imaginarmos o que podia significar este regresso ao trabalho numa cultura medieval que recusava a ideia de uma atividade manual para os cavaleiros, o clero, as pessoas cultas do tempo. É significativo que Bernardo de Claraval tivesse colocado o trabalho manual no mesmo plano da solidão e da pobreza voluntária enquanto fundamentos da «nobreza da vida monástica». Não se trata apenas de uma questão de ascese, mas de realismo. «Como pode o homem – repete Beranrdo aos seus monges – tomar consciência de si mesmo se foge do “labor” e da “dolor” (sofrimento)?».

Entre os ingredientes indispensáveis da cerveja monástica está também a caridade: «Para possuir a marca “Authentic Trappist Product” – explica o abade de Nossa Senhora de Orval –, os proveitos não devem ser unicamente destinados às necessidades da comunidade monástica (materiais ou culturais, como, por exemplo, o financiamento da publicação “Revue Bénédictine”), mas também a projetos de desenvolvimento e obras caritativas. Por vezes penso: se fechassem as cervejeiras trapistas no nosso país, quantas associações de caráter social teriam dificuldades em continuar a existir».

A experiência na produção é muitas vezes partilhada com confrades de outros países; há 10 anos, dado que os rendimentos agrícolas se tinham tornado insuficientes para manter a comunidade, dois frades do mosteiro da Cascinazza de Milão visitaram as abadias de Westvleteren, Achel e Chimay para aprender os segredos da produção. Em 2008 nasceu a primeira microcervejeira italiana gerida inteiramente por monges, que produziu a primeira cerveja artesanal monástica do país, continuando em Itália a tradição secular das cervejas trapistas belgas “de abadia”.

Viva Leonard Bernstein!

Da sinfonia à ópera, da televisão ao cinema, Leonard Bernstein é uma figura tutelar da música do século XX - nasceu no dia 25 de agosto de 1918, faz este sábado 100 anos



De que falamos quando falamos de Leonard Bernstein? Neste dia em que celebramos o seu centenário - nasceu a 15 de agosto de 1918, em Lawrence, Massachusetts -, valerá a pena recordar, antes do mais, a sua dimensão de pedagogo. Ele é, afinal, a figura carismática dos "Concertos para Jovens", realizados no Lincoln Center, em Nova Iorque, emitidos pela CBS no período 1958-1972 (e matéria de aprendizagem e fascínio para muitos

adolescentes de todo o mundo, incluindo Portugal, através da RTP). Eis um exemplo: primeira parte do programa emitido a 6 de Novembro de 1964, dedicado às sonatas.

<https://www.youtube.com/watch?v=z7iHwqAj3Ws&feature=youtu.be>

A condição de maestro (sem esquecer os seus dotes de pianista) será, sem dúvida, um elemento essencial para enquadrar a pluralidade do seu próprio trabalho enquanto compositor. Falecido em 1990, contava 72 anos, Bernstein deixou, de facto, uma obra imensa em que coexistem as matrizes mais "tradicionais" como a sinfonia, a ópera ou o bailado, a par de admiráveis "desvios" pelo teatro da Broadway ou as bandas sonoras cinematográficas ([site oficial](#)).

No domínio operático, *Candide*, inspirado na personagem de Voltaire, será, por certo, uma das suas composições mais famosas (a sátira filosófica de Voltaire, celebrando o prazer utópico do conhecimento face às atribuições do mundo real, foi publicada em 1759). Depois da estreia, em 1956, o libretto foi várias vezes revisto, tal como a música, tendo Bernstein estabelecido a "versão final" em 1989. Num registo desse ano, eis a abertura, com o autor a dirigir a London Symphony Orchestra.

<https://youtu.be/422-yb8TXj8>

A sua relação com o cinema nem sempre será tão lembrada, quanto mais não seja pelo reduzido número de filmes em que esteve envolvido. Não mais de três, na verdade. No primeiro, *Um Dia em Nova Iorque* (1949), de Stanley Donen e Gene Kelly, foram usados apenas alguns dos seus temas, originalmente compostos para o musical *On the Town*, estreado na Broadway em 1944. Os dois outros são clássicos absolutos: *Há Lodo no Cais* (1954), de Elia Kazan, e *West Side Story* (1961), de Robert Wise e Jerome Robbins. Eis uma cena emblemática de *Há Lodo no Cais*, com a música de Bernstein a envolver Marlon Brando e Eva Marie Saint.

<https://youtu.be/5PPOutDwpmw>

West Side Story persiste como uma referência incontornável na história do género musical, sendo mesmo por vezes encarado como uma espécie de "ponto final" na idade de ouro do género. De um ponto de vista simbólico, a sua actualidade é tanto maior quanto nele se celebra uma América capaz de integrar os contrastes e contradições de uma população de muitas origens geográficas e culturais - por alguma razão, Steven Spielberg está a trabalhar num "remake" de *West Side Story* (ainda sem data de lançamento). Celebrando Bernstein e as muitas maravilhas da sua herança artística, vale a pena revermos a cena da canção "America", além do mais um pequeno prodígio coreográfico.

<https://youtu.be/YhSKk-cvblc>

João Lopes

Diário de Notícias, 25 de Agosto 2018